Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES[1]

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

Resumo: Pesquisa sobre o tema Mulheres na qual foram utilizados os avanços teóricos de Jacques Lacan sobre a feminilidade no Seminário XX mais, ainda. Na leitura pela lógica do masculino e feminino, amplia a questão do gênero, passando a ser definidos pelas modalidades de gozo. Masculino identificado ao gozo do sentido e feminino ao gozo fora do sentido.

Palavras-chave: Amor, feminilidade, gozo fálico, gozo Outro.

São Paulo

2022

[1] Texto criado a partir do grupo de pesquisa: *Mulheres*, com referências em LACAN, J. O S*eminário XX, MAIS, AINDA.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

FORMULAS OF SEXUATION: SOME CONSIDERATIONS[2]

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

Abstract: Research on the topic of Women in which Jacques Lacan's theoretical advances on femininity were used in the XX Seminar, even more so. When reading the logic of masculine and feminine, it expands the issue of gender, starting to be defined by the modalities of enjoyment. Masculine identified with the enjoyment of meaning and feminine with enjoyment outside of meaning.

Palavras-chave: Love, femininity, phallic enjoyment, Other enjoyment.

São Paulo

2022

[2] Text created from the research group: *Women.* References to LACAN, J. *The Seminar XX*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

O livro escolhido para o estudo do tema Mulheres, um dos eixos de pesquisa do Instituto Vox, juntamente com Política e Psicose, foi o Seminário XX “Mais Ainda” de Jacques Lacan.

Neste seminário, Lacan realiza importantes avanços teóricos, com consequências significativas para a clínica, com a retomada do conceito de gozo, já tratado por ele em outros momentos.

Lacan trata o gozo como conceito, se valendo do estudo que Freud fez do mesmo, enquanto manifestações da pulsão de morte, determinando um novo campo de pesquisa, teórica e clínica.

São dois os momentos mais importantes em que Lacan realiza este trabalho:

No Seminário VII A Ética da Psicanálise (1959-1960), onde fica bem delimitado o conceito de gozo fálico, ligado à castração e ao significante;

No Seminário XX Mais ainda (1972-1973) quando Lacan desdobra o conceito de gozo, em gozo fálico, gozo Outro ou suplementar, fora do significante, associado à feminilidade.

Podemos pensar que este conceito nestes dois momentos da teorização lacaniana, sofre os efeitos do deslocamento que Lacan faz no eixo da sua elaboração: da primazia do simbólico para a primazia do real.

Lacan inicia este seminário, bastante complexo, jogando com a ambiguidade do significante que lhe dá título: Encore. Diz que vai falar, mais ainda, de novo daquilo que persiste no corpo.

Anuncia que vai falar do amor do qual só é possível dizer porque temos o discurso amoroso; do amor que é sempre recíproco, que sempre demanda amor, mais ainda; do amor como suplência à relação sexual que não existe.

Lacan coloca em cena o corpo, levando em conta as experiências das místicas que relatam um gozo impossível de descrever, situações corporais enigmáticas, corpos transfigurados. Ele se refere a estas experiências místicas como amorosas.

Ele se vale também destas experiências místicas para desdobrar o conceito de gozo em gozo fálico, místico, suplementar e para isto é preciso pensar o corpo não apenas como marcado pelo significante e sim de outra maneira.

É preciso também sair do binômio prazer-desprazer, que não é suficiente para abordar a experiência da dor no prazer ou do prazer na dor.

Como já foi dito, Lacan desloca, ao longo da sua obra, o acento do simbólico para o real, justamente para fazer frente ao gozo presente no sintoma que, numa

análise, resiste à elaboração e que exige do analista, outros recursos além da interpretação. Associa o gozo suplementar à mulher, que não existe enquanto categoria, conjunto, e que porta algo que fica fora do simbólico, fora da linguagem, que não é possível dizer.

Roudinesco descreve Lacan neste momento, muito interessado pelos nós borromeanos, tem uma verdadeira confraria em torno disso; interessado também pela escrita chinesa, buscando entender, entre outras coisas, o vazio mediano, termo da filosofia chinesa – um ponto que não existe e determina a existência de todos os outros.

Um outro jeito de falar do real.

E a eterna questão de Lacan como transmitir isto tudo?

Aqui começa a minha inquietação.

É com bastante surpresa e confusão que eu me vi tentada a ver, pelo menos ver, as fórmulas da sexuação que Lacan discute neste seminário, e que já vinha trabalhando nos seminários anteriores.

Instante de ver.

Não me reconheço nesta vontade porque, ao estudar Lacan sempre fiz questão de não querer ver, não querer saber de qualquer representação gráfica, matemática, fórmulas, topologia.

Em parte por dificuldade com este tipo de linguagem, outra por um incômodo por entender isto como mais um elemento que contribui com a fama de hermetismo da teoria lacaniana. E ainda, por não entender de que forma isto me ajudaria a escutar os meus pacientes.

Claro que este não querer saber tem consequências: a idealização de quem sabe é uma delas.

Eu me decidi por me aproximar das fórmulas da sexuação, pelos textos do próprio Lacan, de autores que estudam a sua obra e o que me ajudou a sustentar essa decisão, foi algo que se passou na minha clínica.

Ao se dirigir para análise, uma analisanda se lembra de um sonho, um fragmento, na verdade, nada mais.

Uma tampinha de garrafa na calçada que, vista de perto, contém desenhos escritos, letras... é possível reconhecer ali elementos que fazem parte da sua vida, dos amores, rompimento, dos projetos.

Estranho que algo tão sem sentido, tão trivial possa dizer respeito à sua vida, aos acontecimentos, à sua posição diante do outro, do que foi feita, do que se fez.

Em parte, se reconhece, mas há algo que não compreende… tão sem sentido e engendrando tantos sentidos.

Já falou tanto em análise, precisa falar mais, mas falar o quê, de que forma? De que maneira dizer isso que sente que é seu e que ao mesmo tempo não tem nada a ver.

Talvez num outro momento da análise, esta analisanda, tal qual personagem de Proust, se abrisse para uma longa narrativa, a partir da visão de um pequeno detalhe.

Não é isto que ocorre. Num fundo de silêncio, a inquietação de uma palavra que não vem.

O analisando traz para análise o seu ser de sofrimento consistente, enredado nas malhas dos acontecimentos amorosos, desastrosos, felizes, a todos atribuindo um sentido.

Um enredo que aos poucos, na análise, se revela repetitivo, os personagens até variam, mas os seus lugares e a trama entre eles se mantêm.

Ao dizer o que pensa, efeito do dispositivo analítico, e é preciso que diga também tolices, como diz Lacan, do enredo do ser de sofrimento podem surgir perguntas – de que sofre, por que e por quem sofre? E o que este sofrimento diz de si?

A posição do analista gera e alimenta esta demanda de respostas.

A narrativa dos dramas, dos acontecimentos, do que não para de se escrever faz da análise um lugar de re-petição, pedido que se renova, pedir de novo... o quê?

Um sentido, uma explicação, um saber que possa curar.

A análise caminha da queixa do sofrimento para uma pergunta, para a construção de uma resposta e para a constatação necessária que não é possível responder tudo, há sempre algo que escapa a possibilidade de simbolização.

Como sair disso?

A saída pelo amor e pela identificação pode ser desastrosa, a proliferação do sentido conduz ao pior, diz Lacan.

Se a análise se coloca para além dos seus efeitos terapêuticos, sem desconsiderá-los, como um lugar onde o sujeito possa se deparar com o incurável, mais do que uma cura, pode haver uma identificação com a singularidade do seu sintoma.

Como fazer então para que o sintoma presente na entrada em análise, possa acompanhar o sujeito na saída, agora de outra forma?

Passagem necessária pelo real, pelo incurável do sem sentido, do gozo que o mantinha atrelado ao seu sintoma.

É da experiência clínica de todos nós o quanto uma análise opera na direção de uma redução – do volume das estórias, do sofrimento, das idealizações.

Foi justamente este efeito de redução que me veio por este fragmento da clínica, que me ligou ao que entendi que Lacan faz neste momento com a sua elaboração teórica.

Vale lembrar, que ele se nomeia analisando, diante do auditório do seu seminário: a partir de uma questão estabelece diálogo com a filosofia, topologia, com a matemática e com Freud sempre!

Lacan começa a falar das fórmulas da sexuação num momento onde se propõe a pensar justamente num discurso que não seja do semblante (pautado pelo sentido) e diz que o discurso de analista é a lógica da ação.

Portanto, para mim, neste modelo de transmissão, os conceitos importam tanto quanto a forma de transmiti-los. No caso, as fórmulas da sexuação porque diz de uma redução que é o efeito da análise.

É preciso entender de que redução se trata – é da significação que remete a outra significação. Pela primazia do simbólico, o significante com seu poder de equivocação, de duplo sentido, pode colocar a análise numa direção interminável.

Para que a palavra abra caminhos até os escritos – marcas no corpo de uma posição de gozo, é preciso que o analista se desloque do seu lugar de suposição do saber para o de enigma, onde a cena fantasmática pode ter lugar.

Neste contexto que Lacan fala de matemas, que é a escrita que não se diz, mas que pode se transmitir e esta transmissão precisa ser de forma unívoca diferente da equivocação do simbólico, que inclusive estudamos recentemente ao ler o Seminário IV “A relação de objeto”.

Para tratar do real, Lacan inclui ainda, os avanços teóricos que faz sobre a questão da feminilidade e da sexuação. Importante diferenciar sexuação de sexo, que remete ao biológico e sexualidade que, em Freud, remete a presença do inconsciente.

Ao falar em sexuação Lacan se utiliza de argumentos da lógica para fazer avançar alguns impasses da teoria freudiana a respeito da feminilidade.

Ao falar da mulher, Freud se vale do mesmo recurso que usou para pensar o homem, ou seja, o complexo de Édipo, mas ele mesmo reconhece que o Édipo produz o homem, mas não a mulher.

Por que Lacan usa a lógica? Para se afastar do biológico, da identidade, do comportamento. Não fala em divisão entre homem e mulher e sim em duas formas de gozo.

gozo fálico – atrelado ao significante, do sentido.

gozo suplementar – não todo atrelado ao significante, do sentido.

Lacan relê a obra de Freud, “Totem e Tabu” acompanhado de Aristóteles e Frege, teoria dos conjuntos o que lhe permite afirmar que o lado masculino é pautado pelo universal, pela lógica do conjunto que se sustenta pela exceção.

Há um que não é castrado, que ocupa o lugar da exceção, possibilitando que todos os outros possam formar um conjunto.

Só há gozo fálico, limitado, submetido à ameaça de castração.

Do lado feminino, o que rege não é o princípio universal, nem a lógica do conjunto, não há o equivalente ao pai originário, não há mulher que fique neste lugar de exceção, por isso não se pode falar A Mulher.

O mito mais propício seria o de Don Juan, porque ele trata a mulher uma a uma ou seja, é do particular que se trata.

Como falante, a mulher está pautada pela função/premissa fálica, mas tem também outra dimensão de gozo que é suplementar. A relação sexual não existe porque não há correspondência entre um e outro. Penso que é uma forma de dizer que o sentido nunca recobre integralmente o sem sentido que a linguagem não dá conta do encontro entre um homem e uma mulher.

O que dá a ilusão que a relação sexual existe é o amor, por isso Lacan diz que o amor faz suplência à relação sexual, que não existe.

Como se trata de modalidades de gozo, de discurso, é importante diferenciarmos de gênero, de identidade.

Retomando: o homem ama atrelado ao sentido, marcado pela consistência da sua fantasia. Na mulher o amor acontece… “talvez de uma falha repentina na lógica

do Universo… de um erro, nunca de um querer" numa citação que Lacan faz de Marguerite Duras, no seminário XX[3].

Encontrei em "Noites brancas" de Dostoiévski uma situação exemplar de amor, na forma masculina e feminina, num mesmo personagem, um homem.

A estória se passa em San Petersburgo, a própria cidade pode ser pensada como personagem, inverossímil como diz Boris Schnaiderman.

A cidade foi construída num pântano, recortada por canais, território tomado dos suecos, projeto de um imperador de negar a alma russa e fazer da cidade uma abertura para o mundo e mais próxima do ideal que era a França.

A estória se passa em algumas poucas noites, durante o verão, quando o sol praticamente não se põe e este clima fantasmagórico acentua o isolamento do personagem masculino, que não tem nome próprio, é o sonhador, praticamente não tem uma existência concreta.

A possibilidade de viver, de ter uma vida, vem pela personagem feminina por quem ele se apaixona, ela sim, tem nome, tem estórias.

Quando ele a encontra, diz que há muito tempo procurava alguém, "justamente a senhorita, estávamos fadados a nos encontrar neste momento".

No amor de sonhador por Nástienka, ele vê a possibilidade de realizar uma vida que faça sentido, saindo do isolamento que vivia.

Nástienka porém, já estava vivendo uma estória de amor com outro homem e se vai, depois de alguns breves encontros com o sonhador e ele se vê novamente diante de uma vida sem sentido, sem ligação.

Apesar da separação, o sonhador mantém o amor pela jovem, um amor que não se realiza, mas que lhe permitiu viver através dela "um momento inteiro de júbilo… Não será isto o bastante para uma vida inteira?"[4].

Podemos ver neste exemplo dois momentos do discurso amoroso: na forma masculina, marcado pela realização do sentido da vida e na forma feminina, pela presença do efêmero, da fugacidade.

Referências Bibliográficas

DIAS, Mauro Mendes. **Anotações de aulas e seminários no Instituto VOX**.

[3] Carmem Galano. A alteridade feminina. Ágora Instituto Lacaniano.
[4] Fiódor Dostoiévski. Noites brancas. Editora 34. p.82.

BADIOU, Alain; CASSIN, Bárbara. **Não há relação sexual**: duas lições sobre “O aturdito” de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GALANO, Carmen. **A alteridade feminina**. Campo Grande: Ágora Instituto Lacaniano, 2011.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Jacques Lacan**: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Noites brancas**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009. p.82.

LACAN, Jacques. **O Seminário Livro 20 Mais, Ainda**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. v. 3. A prática analítica. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.